

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 20 DE AGOSTO DE 1919

N.º 76

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

ANO 1410 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE 470 || ANO 3400
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoarria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

OS CAMINHOS DE FERRO INTERNACIONAES

AHI pelo mez de março ultimo os jornaes de Lisboa e Porto acordaram uma manhã a população de Portugal, com o alarme de que o porto de Lisboa, em virtude de grandiosos projectos já estudados em Espanha, ia ficar isolado do resto do Mundo, visto que a realisação d'esses projectos desviaria todo o possível trafego internacional para o continente europeu, do caminho natural da entrada pelo occidente, que até agora se tem feito, em grande parte, pela barra do Tejo. Tratava-se, então, da presumível realidade do caminho de ferro directo de Paris a Algeciras e de preparar o porto de Vigo, para receber esse trafego, a que daria immediato seguimento por uma linha directa a entrar na que mais rapidamente conduzisse os passageiros a Paris e espalhasse as mercadorias sul-americanas pelo resto da Europa.

Todo o povo portuguez estremeceu ao ler essas noticias, cujo seguimento procurou avidamente nos periodicos dos dias seguintes. E os colossos jornalisticos, que contaminaram ao publico a duvida das situações enervantes, continuaram frizando a nota até que o governo se capacitou tambem da gravidade da situação, e... tomou medidas.

Quaes foram, porem, essas medidas? — Por junto, a nomeação d'uma comissão, com nomes e cathogorias, muito pomposas, encarregada de, no mais curto espaço de tempo, apresentar um relatório cujas conclusões deviam habilitar o Governo a decretar no sentido de proteger o porto de Lisboa contra todas as possíveis contingencias.

E O PORTO DE LISBOA

Até aqui, estava tudo muito bem, embora a muita gente não tivesse satisfeito essas providencias... de via reduzida.

Emfim, sempre era uma medida em que o Governo tinha mostrado interesse — interesse relativo para contentar a opinião publica. E ella foi-se satisfazendo com as noticias esbatidas que sobre o caso os jornaes passaram então a publicar, já menos enervantes e alarmados, informando das reuniões da referida comissão, até que se calaram, certamente porque se esfriou aquele calor que os fez vibrar d'indignação ante os desleaes projectos da vizinha Espanha. Mas esses projectos continuaram na mesma.

Dir-se-hia, até, que a clamorosa indignação da imprensa portugueza teria sido inventada malevola e intencionalmente por alguém que tivesse interesse na repetição do caso das *chinezas dos bichos nos olhos*, se não se soubesse a realidade dos factos.

Porque — realmente — não obstante a gravidade que o caso tinha e tem para o nosso Paiz, não mais se falou n'ele, não se sabendo onde pára a referida comissão. Acha-se, ainda, por acaso, constituída? já se dissolveu ou foi dissolvida? Concluiu ella a missão de que foi incumbida? Onde pára o relatório dos seus trabalhos? Quaes foram as providencias que, como logica conclusão, indicou ao governo para serem tomadas sem demora e como meio eficaz para a defeza do nosso porto e em detrimento da concorrência que se projectou e ainda se projecta fazer-lhe?

Não se sabe, nem nada mais cons-

tou a tal respeito, desde que os colossos d'informação quotidiana desprezaram por completo o assunto.

Mas, a nós é que não nos acontece o mesmo, não só pelas nossas responsabilidades, como pelo nosso dever e, ainda, porque não achamos a questão liquidada, antes pelo contrario. O porto de Lisboa continua ameaçado d'uma talvez proxima concorrência dos portos esponhoes; afirmação esta que está sobejamente confirmada pelas especiaes condições em que se acha o paiz visinho e pela continuação dos estudos que ali proseguem para a efectivação da idéa do *estreitamento*, cada vez maior, das relações ispano-francezas, com especiaes beneficios para a Espanha. E que esse desejo ha de vir a ser, talvez mais depressa do que aqui se pensa, um facto verdadeiro e palpavel, não nos resta duvida, por todos os motivos e mais o da abundancia de dinheiro que ali existe e que demanda a constituição de grandes empregos para a sua capitalisação, alem da necessidade sentida pelos nossos vizinhos de não estarem dependentes d'um porto estrangeiro — depois de ter bons portos proprios — para que a sua nação seja atravessada pelos passageiros internacionaes, que, de resto, até agora mal tocam em terras de Cervantes na sua travessia em direção á França.

A Espanha tem o desejo muito legitimo de se libertar d'influencias estrangeiras no que não possa extrair proveito algum. Por consequencia ha de procurar por todas as formas chamar aos seus portos a concorrência de passageiros das Americas, principalmente do sul, que até agora tem sido feito por Portugal, em rapida passagem pelo seu paiz onde pouco se demoram e nada gastam, e não deixará, tambem, de aproveitar as boas graças que os americanos lhe estão dispensando.

ARTE E LITERATURA

CANTIGAS

DE JOSÉ BRUGES D'OLIVEIRA

PARA O ALFREDO GUIMARÃES

*Não digas que não, que não,
que eu digo que sim, que sim;
Não digas que me não queres
que eu sei que gostas de mim...*

*O teu coração e o meu,
diferente destino tem:
o meu, sendo meu, é teu,
o teu é não sei de quem...*

*Fui-me confessar ao cura,
confessei-lhe o meu amôr;
disse-me que amar ingratas
Tambem é ser peccadôr.*



SÓROR MARIANNA

DE FERNANDES COSTA

*Lançou ao mundo, d'uma cella triste,
Por entre as grades, que a refinham presa,
As suas cartas d'immortal belleza,
A's quaes nenhuma compaixão resiste.
Quanta mulher tem existido e existe,
Se foi tratada com igual crueza,
Remira nellas a sua alma, accêsa
Em lume igual, que vivido persiste.
N'essas cartas de amôr, biblias sagradas,
Ella, mais expressiva que nenhuma,
Exclama, pelas outras desgraçadas,
Palavras altas, onde a dôr ressuma.
— São gritos de milhões d'abandonadas...
São milhões d'almas a chorarem n'uma! —*

IDEALISMO
CONTEMPORANEO

DE AUGUSTO GIL

*Cortez, gentil, reverente,
Um poeta beijou-te a mão,
Ficaste a impar de contente
Porque a coisa te pareceu
Um signal de distincção.*

*Eis aqui a explicação
Que o versejador me deu:
«Se a mão d'ella aos labios chega,
Chega aos olhos os anneis,
Ai filho! Postos no prégio
Davam um conto de réis!»*



OS TEUS OLHOS

DE GUERRA MAIO

*Teus lindos olhos, Maria,
— Duas brasas com frieza —
Teem tanto d'alegria,
Como teem de tristeza.*

*Se eu pudesse tiraria
Todo o calor da frieza,
Dava-te toda a alegria,
Guardava toda a tristeza.*

*E depois p'la vida fóra
Quão venturoso eu seria!
Ver-te a rir a toda a hora,
E eu... triste todo o dia.*

*Sofrer por ti, que ventura!
Teus lindos olhos, Maria,
Seriam n'essa tortura,
Minha unica alegria.*

CARTAS DE PARIS

DE PARIS AOS PIRENEUS—DAX— PAU—LOURDES—PRIMEIROS AS- PECTOS DE CAUTERETS

O bom turista deve observar dois preceitos de transcendente importância: viajar sempre de dia, e regressar por caminho diferente. Assim, tendo sido obrigado a fazer uma viagem aos Pireneus, preferi ir pela linha do Estado, que vae enlaçar á do Midi, em Bordeus, apenas com uma distancia superior de vinte e poucos kilometros.

A viagem por esta via não deixa de ter algo de interessante, apesar de ser pouco diferente da de Orleans; mas, á chegada a Bordeus, os prados viçosos e as casas de campo orladas de verdura, fazem acordar a nossa retina com a lembrança saudosa dos nossos campos do vale do Tejo.

Depois de uma detença em Bordeus, segui a DAX, onde uma original nascente de agua a ferver me fez apetercer uma paragem. DAX, é uma pequena cidade cuja população se cifra por pouco mais d'uma dezena de habitantes, sendo cortada de lés-a-lés por uma extensa estrada e por um grande rio que a atravessa pelo meio.

N'esta estancia, conhecida em todo o Mundo, ha um rasoavel estabelecimento thermal alimentado por uma formidavel nascente em forma de piscina, ao ar livre, d'onde, por oito grandes bicas, saem a jorros, em cada 24 horas, vinte e quatro milhões de litros d'agua á temperatura de 64 graus.

A pequena cidade, alem d'um bom casino, possui outros atractivos que muito contribuem para que os aquistas ali passem uma estação sem enfado. D'entre eles, citaremos uma elegante praça de touros, de cimento armado, onde na época das festas se realisam animadas corridas, em que se estripam cavalos á velha maneira hespanhola, o que não admira, dada a proximidade do paiz taurino.

A seguir ao almoço, tomei o comboio novamente, em direcção a PAU. DAX, é a estação de entroncamento da grande linha Paris—Bordeus—Irun com a dos Pireneus, e por isso quasi todos os comboios teem carruagens directas desde Bordeus, e outros desde Paris.

Os aspectos que se disfructam por esta linha são já diferentes. Os campos de milho fartamente regados, cas-

tanheiros gigantes e seculares dão á paisagem um tom de taciturnidade que mais se aviva quando do fundo, muito ao longe, se começa a alinhar a extensa barreira dos Pireneus.

A linha ferrea, que era de viadupla, pelas exigencias da guerra passou a ser simples, estando agora a companhia procedendo á sua reconstrucção. Até as linhas ferreas distantes do theatro do pavoroso conflito europeu sofreram com os seus resultados!

Adeante. O comboio continuou rolando e duas horas depois, tendo-se operado uma mudança de scenario, apareceram-nos á direita, debruçados alegremente sobre o rio, os primeiros *chateaux* de PAU, da fidalga linhagem dos tempos elegantes do ultimo quartel do seculo XVII.

PAU é, porem, uma cidade moderna. Os seus grandes hotéis, com os largos terraços no toup do outeiro onde o casario se alinha, refulgindo ao sol, dão logo ao visitante a impressão de um buliço mundano atrahente. Sobre os *trottoirs*, os vestidos ligeiros das senhoras que passeiam sob o toldo, matizam interessadamente o fundo d'esse atrahente quadro, todo movimento, todo elegancia, todo fausto. Em frente á estação, um ascensor transporta rapidamente os viajantes á larga esplanada, d'onde a vista se perde pelo vale em contemplações extasiadas.

Uma estrada em diferentes lanços cobertos de verdura, e outra por onde um carro electrico circula, dão tambem acesso ao alto do pequeno monte em que se alastra a alegre e buliçosa cidade de PAU. As suas ruas são largas e bem cuidadas, notando-se um irrepreensivel asseio por toda a parte; o que aliaz se não encontra em outras cidades mais importantes da França. As casas teem todas uma apparencia de recatada fidalguia, que mais se nota nas avenidas e nos arrabaldes.

PAU é, todavia, mais uma estação de inverno do que de verão. Comtudo, a sua concorrência n'estes tempos estivaes é enorme e, por isso, muitas casas são providas de largas varandas envidraçadas, para se observar o lento cahir da neve ao macio calor do aquecimento central.

E na verdade deve ser uma doce consolação, nos duros dias de inverno,

contemplar os toucados brancos d'essas montanhas brutas tão agudas que parece que o mundo termina ali, e ter-se assim o concheço do calor, ao mesmo tempo que um ar puro vem fustigar a vidraça para nos envolver no ar da montanha.

De Pau a Lourdes, é uma viagem que desaparece como uma visão. Fechada a portinhola da carruagem e contemplados, por um momento, os altos contrafortes das serranias, eis-nos na santa cidade das perigrinações. Era meu intento demorar-me ali um pouco; mas a fadiga da viagem levou-me a pernoitar a Cauterets, onde uma cama macia aguardava o meu alquebrado corpo.

De Lourdes a Pierrefitte, não se torna necessario, em muitos comboios, fazer-se mudança, pois ha carruagens directas de Paris, e creio que em breve os haverá tambem de Hendaya, pois a companhia do caminho de ferro do Midi não se poupa a sacrificios para servir conscienciosamente os seus passageiros.

Fica aqui bem esta referencia, porque é justa e bem merecida.

De Lourdes a Pierrefitte é um tiro de peça. e de Pierrefitte a Cauterets, apanha um esfalmamento quem tenha de fazer a pé os 14 kilometros que uma linha electrica, admiravelmente lançada por altas arribas, verdadeiros abismos, vence em trez quartos de hora.

Dizem:—vale a pena vir de Portugal aos Pireneus só para vêr este curto caminho de ferro; e bem acertadamente andou quem tal disse.

Logo á sahida de Pierrefitte; o comboio electrico iça-se pela montanha, deixando em baixo a cidade derramada no vale; segue depois por uma estreita fenda, aberta a pique entre duas montanhas, ao fundo da qual a «gáve» (rio) de Cauterets, aos regalgões pelas penedias, forma uma infindavel serie de deliciosas cascatas. O comboio contorce-se, óra empinando-se para subir d'um folego a montanha, ora mergulhando para precipitar-se no rio.

Era quasi noite quando chegámos a Cauterets, a famosa estancia de renome universal, pelas suas famosas curas de doenças do aparelho respiratorio. Os hotéis, as pensões e tudo que oferece instalação estvam repletos. As ruas e as praças encontravam-se animadas por alegres bandos de senhoras, em trages vaporosos, que davam á pequena cidade um buliço d'uma grande capital, onde domlna o luxo e o prazer.

A custo obtive um quarto, no *Hotel Universo*, onde o asseio faz honra ao dono da casa, e o marulhar continuo da corrente do rio, que passa rente ás traseiras do hotel, embala n'um somno fundamente reparador, o passageiro que, como eu, gostar de

viajar de dia, não só para dar aos olhos o doce pasto da paisagem, que nos Pireneos toma tons biblicos, como tambem para proporcionar ao corpo a delicia d'um repouso depois d'um bem gosado dia.

GUERRA MAIO.

NO LINDOSO

AO ALFREDO GUIMARÃES

HAVIA ainda estrellas no ceu, n'essa manhã d'Outubro, quando, dos Arcos, parti para o Lindoso.

O Vez corria sereno e frio, apertado em margens de verdura, e só se ouvia na queda dos açudes; uma bruma levissima envolvia toda a natureza, que a madrugada mal illuminava. Só passada a Barca, e tomada a estrada que breve correrá até á fronteira da Galliza, começou rompendo o dia. Passaram-se Muhia, Touvedo e Entre-Ambos-os-Rios, ainda com o caracter das terras da planicie e emmol duradas em milheirões, e, depois, Britello, que foi, ha seculos, de poderosos senhores, e que então despertava para a vida laboriosa dos pobres.

Pairava no ar, como nevoa, o fumo das lareiras ha pouco acêzas, e, das côrtes, vinha o cheiro quente dos gados, promptos a sahirem para os pastos. A' passagem do carro que me transportava, abriam-se, aqui e alli, as primeiras portas, onde assomavam os mais madrugadores — aquelles cuja lida, por penosa, não pôde esperar o levantar do sol, annunciando a hora do trabalho.

Um galo cantou do alto d'um espiheiro, e foi já longe da aldeia, quando o caminho, sempre subindo, se debruça sobre o Lima e a paisagem muda, quasi de subito, que eu tive essa estranha sensação da montanha, dominadora e forte.

Que enorme me pareceu, n'esse momento, a serrana da Amarella, que abriga todo o coração do Minho e que alli vem morrer, como a Peneda, nas aguas, deliciosamente azues, do rio do esquecimento!

Tudo me attrahia para aquellas regiões que as serras avaramente escondem e que a civilisação decerto não ousou banalisar; para aquellas terrinhas de gente humilde e simples onde a tradição ainda impera e é o amparo do povo — a Ermida, com os seus fornos de carvão de urze, de que tambem se fazem fusos e colheres; Santa Maria de Azias, com o bater alegre dos teares das colchas; Germil e Brufe, mais para além, no caminho do Campo do Gerez.

O carro sobe sempre.

Agora, já não ha signaes de cultura, nem milheirões verdes, nem vinhas em latadas cõr de oiro. A terra é virgem, e a encosta, talhada quasi a prumo sobre o rio, cobre-se de medronheiros em fructo. Quiz Deus que a natureza, alli tão pouco prodiga, dêsse aquelle amparo aos de Ermello — a pittoresca aldeia que repousa na outra margem, lá no fundo do valle, espelhando-se nas aguas — onde a dis-



GEREZ — Um aspecto

tillação do medronho é toda a riqueza agricola e industrial.

N'um grupo que vem descendo a estrada, observo os primeiros typos da região serrana.

As mulheres trazem na cabeça, ou nos hombros, «mandis» (especie de capas curtas, com pouca roda, lembrando, quando postas pela cabeça, as capuchas trasmontanas, e a que tambem chamam «aventães de cobrir»), de burel, ou de «capéllos» — uns brancos, outros pretos e ainda alguns da cõr natural da lã escura, e vestem saias de «sirguilha»; os homens, na maioria, com fatos completos d'este tecido, ou de «liteira», cobrem-se com «coruchos» (crôças) da industria domestica do Extremo, para se resguardarem da chuva mjudinha e fria que teimavava em cahir.

O modernismo invasor não conseguiu ainda desthronar os velhos tecidos regionaes, feitos para o rigor do inverno e que o «fulão» impiedoso tornou de duração eterna, e com elles se veste todo o serrano que se presa e que a ganancia não deslocou da sua aldeia.

O rancho passou, apressado, dando os bons-dias, e o cocheiro, n'uma volta do caminho, mostrou-me, no lado de lá do rio, o Soajo, dominando do tôpo do seu planalto.

Estamos em Cidadelhe, d'onde o carro não segue.

Debruçada sobre o rio, que lembra, visto de tão alto, uma fita de prata correndo entre montanhas, é como um oasis, essa aldeia pittoresca, em cujas velhas arvores repousam consoladamente os olhos, cançados da monotonia agreste das serras que a cercam.

D'aqui para cima, até ao Lindoso, só a pé ou a cavallo, trilhando velhas

estradas, talvez romanas, de leito lagado, como quasi todas as da Peneda e do Gerez.

Chuvia ainda, e a tarde não prometia melhor tempo. Todo o ceu estava negro-rubro, annunciando temporal.

Reparado o estomago e tomado um guia, metti-me ao caminho, depois de inutilmente ter procurado um animal que me transportasse.

Entre Cidadelhe e Lindoso, quasi a meio d'essa ascensão admiravel, fica o lugar de Parada — um agregado de casas terreas, de pedra nua e denegrida, que mal se destaca do pardo da paisagem — onde uma só nota alegre encontrei: as latadas que cobrem todas as ruas, sombreando de verde o

mato fôfo que as atapeta. Não havia ninguém, e todo o povoado me pareceu deserto, talvez porque a gente môça — a que ri e canta — andasse, áquella hora, na faina bemdita dos campos.

Mais meia hora de caminho, e avisto, finalmente, o Lindoso, lá no alto, coroado pelas ruínas do seu velho castello e dominando o valle, como se alguma coisa restasse ainda do seu poderio da idade media, ou da importancia que outr'ora o elevou a villa.

Tem um aspecto curiosissimo que só mais tarde, no Soajo e em Castro Laboreiro, reconheci não ser unico, o antigo burgo fronteiro, constituído, como Parada, por algumas dezenas de casinhas humildes, onde a custo, de certo, conseguirá entrar um raio do sol.

Levou-me tão longe o interesse de conhecer a parte serrana do Alto Minho, tão pouco acessível e, por isso mesmo, tão rica de elementos para os estudos ethnographicos.

Durante a colheita de nôtas, na maior parte destinadas a um trabalho sobre a tecelagem manual, largamente exercida na região, fui forçado a abrigar-me do tempo, que continuava impiedoso.

Poude, então, observar bem um interior: A casa, terrea, divide-se simplesmente em dois aposentos — o de fóra, onde se cosinha e come, e o interior, onde dorme toda a familia.

Foi no primeiro, bastante espaçoso, sem janellas e só com uma porta, junto ao lume que ardia lentamente, no chão, sobre uma lage, commodamente sentado n'um enorme escabello, a um tempo banco, arca e mesa, que eu me enxuguei da chuva.

Era gente de bens, aquella que bondosamente me recolhera.

Os homens da lavoura, molhados até aos ossos, tinham largado do campo, e vieram como eu, gosar o calor meigo da lareira.

A fuga do fumo, d'uma primitividade encantadora — um buraco aberto no telhado e resguardado por uma delgada lage, movida interiormente por uma vara que lhe está fixa — foi cuidadosamente tapada, e um gato veio enroskar-se ao pé do fogo, sobre a cinza azulada das urzes.

Para satisfazer a natural curiosidade d'aquellas boas almas, expliquei o motivo da minha viagem, e tive, n'essa occasião, o prazer de constatar a visita do fallecido ethnographo Rocha Peixoto, que foi um dos mais bellos espiritos da nossa terra e de quem, no Lindoso, todos se lembram ainda. Allí, n'aquelle doce alheamento do resto do mundo, eu evoquei o talento, a perseverança e a abnegação do infatigavel trabalhador, tão exuberantemente manifestados nas paginas admiraveis da «Portugalia».

A conversa, um instante interrompida pelo meu silencio, recomeçou, sempre versando assumptos que me interessavam: os trajos regionaes, a arte popular, os costumes religiosos, as festas e as romarias.

Mas a chuva passou; o dia breve começaria a declinar. O tempo voava e, até aos Arcos, ainda eram algumas horas de jornada.

Com um «adeus» saudoso talvez para sempre, novamente tomei o cami-

nho de Cidadelhe, onde me esperava o carro.

O Lima, engrossado pelos aguaceiros, corria lá em baixo, apressado. Parei para o olhar mais uma vez, e só então o meu guia me contou a lenda extranha que diz enlouquecer quem comer lampreia criada nas suas aguas espelhentas e bellas mysteriosamente azues.

D. SEBASTIÃO PESSANHA.

Do livro «Logares de Saudade», em preparação.)

PRAIA DE VILA DO CONDE

VILA do Conde que poeticamente assenta na orla da parte occidental do Continente banhada pelo Atlantico, é, sem duvida, a mais bem situada vila do litoral minhoto, embora sob o dominio administrativo, pertença á provincia do Douro, visto achar-se incluída na Jurisdição districtal do Porto.

Pelo privilegio da sua posição, esta muito interessante vila é, por assim dizer, a guarda de entrada do Rio Ave,

de Varzim, a fazem com que a de Vila do Conde seja pacata despida de coisas superfluas proporcionando assim ao bom burguez uma estação relativamente comoda e sem grandes nem dispendiosos aparatos. Isso, porem, em nada influe na sua beleza natural, que é muita; no encanto do seu dôce viver, que é muito sugestional para os espiritos que se veem obrigados, no decorrer do ano, a procurar um campo uberrimo de pureza, de salutar



VILA DO CONDE — Antigo mosteiro das religiosas franciscanas

cujas aguas lhe dão o aspecto puramente bucolico das mansões regionaes portuguezas.

Esta Vila é, como a grande maioria das vilas portuguezas, de limitada vida propria, a não ser na epoca balnear em que a sua praia, que é uma das mais lindas de Portugal, se anima com a affluencia d'uma população fluctuante, que, todavia, não abusa dos cosmopolitismos enervantes das epochas balneares em outras praias, mais apropriadas ao estadeamento dos caprichos mundanos do que a curas de molestias phisicas e de repouso.

Esse facto e, ainda, a sua proximidade com a *coquette* praia da Povo-

socego e de bela hygiene para o corpo e para a alma. Ahí se encontra esse conjunto de seduções.

Vila do Conde divide-se em duas partes distinctas: a vila propriamente dita e a praia, que é como que o seu complemento.

A vila é uma das mais antigas de Portugal, possuindo edificios e monumentos dignos de registo e de admiração. A sua historia nunca se pode definir com precisão, pois emquanto alguns affirmam que ela foi povoada no tempo dos romanos, outros atribuem a sua fundação do Conde D.

Mendo, aonde filiam a sua designação de *Vila Comites*, estropiada pelo decorrer dos tempos até o nome que hoje tem.

Parece que, realmente, foi essa a sua primitiva designação, pois outros cronistas, referindo-se á antiguidade d'essa vila, o afirmam com certa autoridade, dizendo ser esse o nome que lhe foi dado no tempo da dominação dos Cesares.

Seja, porem, como for, o certo é que a sua origem remota não é posta em duvida, tanto mais que bastantes dos seus edificios assim o atestam.

D'entre eles justo é que destacamos o já celebre Mosteiro de Santa

lapis, uma outra de tecidos e a de pesca, que se faz em grande escola, tanto mais que ela constitue quasi o essencial alimento da população propria.

O seu delineamento interno não obedeceu a qualquer prévio estudo; todavia são muito interessantes os seus arruamentos por acusarem a característica de antiguidade que distingue essa bela vila.

Defrontando com o Mosteiro, na margem esquerda do rio eleva-se um pequeno monte, no cimo do qual ha uma ermida consagrada a Sant'Ana, que dá o nome ao mesmo. O panorama que de lá se descobre é, na verdade, soberbo:

ao norte a magestosa fachada do sul do suntuoso edificio conventual e as suas velhas ruinas; ao nascente o famoso aqueducto, cuja arcaria se compunha outróra de cerca de 100 arcos, muitos dos quais a ação do tempo já derrocou; O pitoresco Ave

deslizando por entre margens viçosas e precipitando-se nos açudes que lhe represam as aguas para fazer mover

as rodas das azenhas; o edificio da fabrica de lapis Portugalia e as magnificas installações da Fabrica de Tecidos Rio Ave, com as suas altas chaminés; campos cheios de verdura e frondosos pinheiros; a igreja da Lapa; a alva igreja de Touguinha; e aolongo, muito ao longe

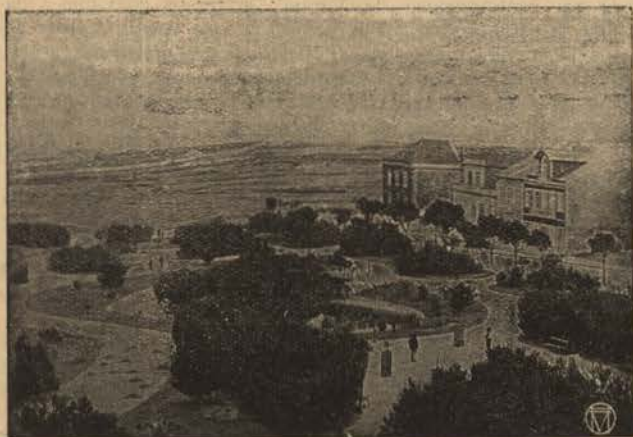
grandes montanhas quasi a confundirem-se com as nuvens. Para o lado do poente, vê-se o Ave até á sua entrada no largo mar; a capelinha do Socorro, com a sua cupula; a capela da Senhora da Guia, a favorita dos pescadores, quasi cercada pelo mar, e este n'uma enorme extensão, por vezes coberto de lanchas de pesca.

De lá se vê tambem a memoria ou obelisco de Arenosa de Pampelido, que comemora o desembarque do exercito libertador em 8 de julho de 1832; o velho castelo ou torre da barra; e o novo e lindo bairro balnear; e mais distante os corucheus das torres da vizinha Povoia de Varzim. Panorama soberbo, não ha duvida, o que, sobretudo nas belas tardes do estio ou da primavera, se disfruta do alto do monte de Sant'Ana.

E' muito interessante tambem a visita á *Estação Acçucicola do Ave*, dirigida pelo distinto naturalista Augusto Nobre, onde se cultivam as mais diversas especies psicolas e se fazem, por vezes, notaveis experiencias.

Vila do Conde, que desde ha muito, possuia o seu club para recreio dos banhistas, além do *Club Fluvial*, promotor de interessantes regatas no rio Ave, possui agora um Casino, instalado no edificio da Assembleia Vilacondense, construido expressamente para o efeito por iniciativa da prestimosa e dedicada Sociedade de Propaganda da Praia. Fica esse belo edificio na linda Avenida Julio Graça, no espaçoso e alegre Bairro Balnear, em cujo centro ha um belo jardim, muito bem disposto e bem tratado. Tem tambem o *Teatro Afonso Sanches*, onde por vezes se realizam interessantes espetaculos, quer por amadores da localidade e da colonia banhista, quer por grupos de artistas dos teatros de Lisboa e Porto.

Pelo que respeita a hospedagem ha em Vila do Conde o *Hotel Avenida*,



VILA DO CONDE—O Jardim publico

Clara que se acha edificado n'um dos pontos mais altos e mais soberbos da vila, dominando-a, por assim dizer.

Esse monumento foi outr'ora Castelo Fendal, como sucessor do *Castrum* romano. Mais tarde transformou-se em mosteiro; tendo se á sua roda formado e desenvolvido a população que lhe deu fóros, então já laboriosa, e hoje—sem contestação herdeira directa d'essa feliz tara com a qual essa risonha vila tem conseguido transpor atravez os seculos, as barreiras levantadas pelas vicissitudes do constante crescer da vida, cujos reflexos, no entanto, ali se tem suavemente esbatido.

Vila do Conde possui vida propria o que lhe vem já de longas epocas, quando o seu pequeno porto na foz do Ave, era frequentado por uma intensa navegação costeira.

Então, a sua mais rica industria era de construções navaes, onde empregava bastantes dos seus filhos.

Hoje possui outras importantes ramificações, taes como, uma fabrica de



VILA DO CONDE—Um aspecto da praia

na rua Bento de Freitas, e o *Hotel Central* (vulgarmente denominado *da Terezinha*), na Praça de S. João; além das Casas de Pensão *da Gabina e da Sousa*, e das hospedarias de Joaquim da Silva e de José de Lima.

A estação que serve Vila do Conde

é a do mesmo nome, na *linha ferrea do Porto a Famalicão*, que é de via reduzida, mas que, em todo o seu percurso apresenta interessantissimos aspectos de paisagem. A sua origem é no Porto, estação da Boa-Vista.

Uma linha ferrea urbana, pelo sis-

tema americano, liga a vila á sua vizinha Povoá de Varzim e ás respectivas praias de banhos.

Durante a estação calmosa também se instalam barracas junto do rio Ave, para as pessoas que desejem tomar os chamados banhos de agua doce.

viteas e consequente equilibrio economico.

O presente ano afigura-se ser de capital interesse para Portugal; pois, segundo julgamos, as entidades que n'esse paiz tem a direcção dos serviços inherentes á proveitosa industria da vilegiatura traçaram já um plano criterioso.

Ha alguns mezes, uma notavel personalidade portugueza, o Senhor Conde de Penha Garcia, antigo ministro e antigo Presidente da Camara dos Deputados, realisou em França um sem numero de muito interessantes conferencias, nas quaes poz bem em destaque as vantagens d'uma politica economica d'acordo com os povos aliados e associados, e a manifesta utilidade d'um mais estreito laço d'amizade entre a grande republica franceza e o paiz luzitano, defendendo calorosamente e com os mais convincentes argumentos, a superioridade da via internacional Paris-Bordeus-Medina-Lisboa para serviço dos passageiros da America do Sul.

Quasi simultaneamente, a Sociedade Propaganda de Portugal abriu em Paris um posto d'informações, onde os estrangeiros encontram os mais elucidativos esclarecimentos sobre tudo quanto lhes interesse a respeito d'esse belo Paiz.

A orientação seguida no estabelecimento d'esse posto é perfeitamente igual á imposta aos sindicatos d'iniciativa em França.

Por repetidas instancias da mesma Sociedade, a rede de estradas nacionaes foi muito melhorada em todo o territorio portuguez, com o especial fim de facilitar a circulação automobilista.

Por ocasião da recente feira de Bordeus, Portugal, por meio d'um artistico pavilhão, fez atestar os esforços que emprega para valorisar os riquissimos productos da sua industria. Ahi, lindas meninas vestidas com pitorescos costumes das provincias luzitanas, ofereciam com a gravidade e delicadeza atrahente da mulher latina, os mais saborosos chocolates fabricados em Lisboa, os deliciosos vinhos do Porto, as apetitosas sardinhas em conserva e muitos outros productos de seductora originalidade, ao mesmo tempo que distribuiam numerosas fotografias reproduzindo as mais curiosas vistas d'esse belo paiz, bem como os aspectos dos seus uzos e costumes, da sua antiga arquitetura e das suas preciosidades artisticas.

N'eles figuram em grande quantidade as soberbas paisagens que rodeiam as suas estancias thermaes e as prais mundanas.

A questão de turismo em Portuga,

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

UM BELO ARTIGO DE PROPAGANDA

SE ha paizes verdadeiramente interessantes para o turista e para o artista, Portugal é um dos primeiros. E', até, para admirar que ele não seja mais visitado.

Poucos ha, em realidade, que ofereçam ao visitante uma tão grande variedade de aspectos ineditos, d'uma rara beleza. A Natureza privilegiou-o com incomparaveis paisagens, asperas e selvagens em alguns pontos, idilicas e suaves na sua grande maioria, mas todas alindadas por uma exuberante flora, d'uma tal vivacidade de colorido e de vigoroso desenvolvimento que muito se assemelha á vegetação dos climas tropicaes.

Das suas montanhas, todas de corte interessante, brótam inumeras e abundantes fontes, com preciosa agua, riquissima em productos minerais e radio-ativos.

N'este pais, bem-dito pelo Ceu, não é facil precisar-se qual das suas bellas e numerosas praias apresenta os mais interessantes aspectos: que o Atlantico lhes proporciona, manifestando-se em todas por forma original e em cada uma mais brilhante, mais atrahente, mais seductor!

Se em algumas, por vezes, esse vasto Oceano aparece sob uma forma irada a que o marulhar intenso das suas ondas muito se assemelha a um desabafar de raivosa colera, em outras a sua calma bonançosa sugere inspirações a que o incomparavel espirito luzitano dá um original relevo.

Quanto ao clima que reina em Portugal, é, sem contestação possivel, o mais privilegiado da Europa. Em Lisboa o termometro marca habitualmente, no inverno, em media, 12 ou 13 graus; e na deliciosa provincia do Algarve, a temperatura média é registrada entre 16 e 17 graus.

N'este quadro, d'uma sedução sem igual, a historia está consagrada em paginas fulgurantes, e a arte em monumentos da mais rica e preciosa arquitetura, simbolizando os feitos heróicos d'esses ousados portuguezes, que não só navegadores, mas também artistas, fizeram levantar sobre o solo

rico da sua patria valiosos palácios, museus, e conservaram com delicado carinho as ruinas de antiguidade remota, de monumentos mouriscos, castelos pheericos onde a lenda e a sua côrte assentaram como primorosas rainhas em thronos filigranados.

Como s'explica, porém, que tantas maravilhas naturaes e artisticas, tantos encantos com que a sublimidade do Creador quiz favorecer esse bello torrão patrio, não se constituam em obrigação de serem visitados por estrangeiros?

Crêmos ser a culpa unica e exclusivamente dos portuguezes.

Nós atravessamos uma época em que se torna absolutamente necessario fazer-se conhecer, se se quiere ser conhecido.

Esta verdade tem sido, todavia, desdenhada pelos portuguezes, que não lhe tem ligado a importancia de axioma, ao que verdadeiramente é.

Parece, porem, agora, que em Portugal se comprehendeu já a importancia da propria propaganda, devido certamente á nova corrente d'idéas orientada por espiritos de previsão e de largas vistas, os quaes pretendem canalisar para esse paiz um sensível afluxo de forasteiros internacionaes, para o que trabalhavam incessantemente n'esse sentido.

Uma das entidades que mais se tem esforçado por conseguir esse desideratum, é a Sociedade de Propaganda de Portugal, que por via da imprensa, de monografias e brochuras, por conferencias no estrangeiro, principalmente em França e por outros recursos ao seu alcance, procura atrahir a esse belo paiz a população flutuante que anima beneficemente as grandes nações do mundo. O turismo é a base da sua propaganda; nenhum outro motivo poderia ela escolher mais proprio aos seus desejos.

O turismo é, hoje em dia, o meio de atrahir energias, capitaes, entusiasmo, vida, animação — em uma palavra — é a mais perene fonte de riqueza que um paiz pode aproveitar para o progredimento das suas forças

afigura-se, pois, em bom caminho para uma breve e pratica resolução. Resta, porém, saber o que tocá no respeitante a hotéis. Segundo nos asseguraram, alguns e importantes benefícios foram já realizados, principalmente no que respeito a asseio, o que é uma muito especial recomendação. O sucesso do turismo consiste sobretudo na hygiene adotada nos estabelecimentos d'instalação dos viajantes.

Assim desejamos que seja; e esse

nosso desejo é tão sincero quanto é certo que os nossos amigos portugueses nos merecem a maior simpatia.

Ser-nos-ha, pois, muito grato registar que no proximo outono eles possam vêr as suas estações climatericas repletas d'aqueles que procuram os melhores climas para satisfazerem ás necessidades da sua saude.

ALBAN DERROJA

Publicado no Jornal «La Pèlle Gironda» de Berdells, de 25 d'Agosto ultimo.

Museu Bordalo Pinheiro

Por motivo d'umas modificações por que vae ainda passar este muito interessante museu, o seu fundador, nosso muito prezado amigo Sr. Cruz de Magalhães, encerrou-o temporariamente; devendo reabrir depois de terminadas as referidas modificações.

EXPEDIENTE

Renovação das assignaturas

Lembramos aos assignantes da «REVISTA DE TURISMO», que quizerem renovar as suas assignaturas o serviço que nos prestariam enviando em vale do correio para a nossa Administração, Largo Bordalo Pinheiro, 28, Lisboa, a importancia correspondente ao novo periodo (semestre \$70 — ano 1\$40), a fim de não só não sofrerem interrupção na remessa da nossa Revista, como também para nos poupar as enormes despezas que hoje acarreta a cobrança pelo correio.

Os assignantes da «REVISTA DE TURISMO», procedendo d'esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é unica em Portugal e que é forçoso que não acabe.

NOTICIAS DIVERSAS

Uma nova casa portuguesa em Paris

A nossa representação comercial vae-se alastrando pelo estrangeiro, por uma forma muito lisonjeira para Portugal.

Em Bordeus ha já varias casas portuguesas que tem desenvolvido bastante as nossas relações comerciais com a região bordaleza.

Com o espirito de intensificação d'essas relações em toda a França, acaba de abrir-se uma outra casa portuguesa em Paris, 13, Rua de la Granje Batelière, proximo dos grandes Banlevards, que, sob a razão social de «Centro Comercial Portuguez — Brasileiro», se destina especialmente a um grande intercambio franco-luso-brazileiro.

E' mais esta manifestação de desenvolvimento devida á iniciativa do Banco Nacional Ultramarino em ter aberto uma sucursal em Paris. Assim se procura secundar esse estímulo, dando ao mesmo tempo expansão ao nosso comercio com a França.

A proposito devemos dizer, que, se antes da guerra — em França — se não vendia uma gota do nosso tão apreciado vinho do Porto — pois o que ali aparecia era uma nojenta e asquerosa mixórdia com o rotolo falsificado — outrotanto não acontece presentemente, pois a nossa exportação sendo já muito importante está actualmente protegida não só pelo paladar francez que se habituou a conhecer o nosso verdadeiro producto, como pelas leis que foram postas em vigor, por causa do recente caso de falsificação. A gerencia do Centro Comercial Portuguez — Brasileiro está a cargo d'uma pessoa largamente conhecida em Paris, o sr. Marques da Silva, que durante a guerra prestou aos nossos soldados os mais relevantes serviços, tendo contribuido em muito para a cantina do Soldado Portuguez e para o Triângulo Vermelho, em que Marques da Silva deu provas d'uma grande actividade.

Estrada de penetração da Serra da Estrela.

Foi já arrematada a construção e empedramento da estrada de acesso á Serra da Estrela, região dos Cantaros, ou seja a que hade ligar o Observatorio aos Barros Vermelhos, na extensão de 12 kilometros, a que dão comunicação as estradas de Manteigas e de Gouveia.

D'esta forma a lindissima região dos Cantaros não será jamais um recanto a que só dão acesso os tradicionais machos de caminho.

E' este um grande melhoramento que se deve á Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela pois que não descansou emquanto não viu esta grande obra em via de realisação.

Nos Barros Vermelhos vae a mesma sociedade promover a construção de um hotel, onde o turista poderá descansar e depois irradiar em caravana para os pontos pitorescos da Serra, como sejam os Cantaros, o Covão de Loriga, as Lagoas, a Torre etc.

Repartição de Turismo

De ha muito que temos em nosso poder o Relatório dos Serviços da Repartição de Turismo, referente ao exercicio de 1918-1919. E um documento bastante interessante a que desejamos e devemos fazer uma especial referencia. Porém, nem o tempo, nem o espaço nos tem permitido a satisfação d'esse desejo, que espera uma oportunidade.

Expreso Internacional

ESTA importante agencia de viagens, com séde em Buenos Ayres, por intermedio do seu representante sr. Emilio Comás que é um grande entusiasta por Portugal, acaba de estabelecer contractos com todas as administrações ferro-viarias portuguesas, para a venda de bilhetes directos internacionaes atravez do nosso paiz, bem como de bilhetes circulatórios e de percursos determinados nos nossos caminhos de ferro.

O alcance d'estes serviços é indiscutivel pois, alem de facilitarem o desenvolvimento de passageiros internacionaes e o estreitamento de relações de Portugal com os povos sul-americanos, contribuem eficazmente, pela propaganda que necessariamente essa agencia lhes hade fazer, para que o nosso paiz seja conhecido e visitado, como merece e deve ser.

De esperar é pois que aqui se facilite a missão que essa agencia se impoz e que é digna do maior aplauso; e pela nossa parte prestar-lhe-hemos o concurso de que necessita e que, de resto, tem facilmente encontrado nos caminhos de ferro do nosso paiz, como, certamente não lhe será negado nas estancias que podem contribuir para o bom acolhimento dos nossos visitantes estrangeiros.

Muito gostosamente registamos esta noticia, aguardando que os factos confirmem a boa expectativa dos trabalhos já encetados.

BREVEMENTE

A APARECER Á VENDA:

“Cantares,,

VERSOS DO POETA

ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE

NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR

ANTONIO CARNEIRO

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»

Largo da Abegoaria, 27 — Lisboa